

# O CONTINENTE

São 30 anos de viagens a África reunidas num livro. As imagens do brasileiro Sebastião



*“Os africanos foram pilhados. Fomos lá e tirámos como se fosse nosso. Como foi o caso*

# ABANDONADO

Salgado chegam agora às livrarias para espelhar uma realidade longe do luxo da Europa



Sebastião Salgado/Amazonas Images

**É** em Paris que se pode encontrar a Amazonas, sendo esta a agência de fotografia do brasileiro Sebastião Salgado, desde que, em 1994, abandonou a Magnum. De visita a Portugal para lançar a sua obra mais recente, *África* (edição Taschen), o fotógrafo apresentou um livro onde constam fotografias que representam 30 anos de carreira profissional. As primeiras imagens são as de tropas portuguesas em Moçambique, em 1974.

Nascido em 1944, em Minas Gerais, Sebastião Salgado era um economista em Londres, na Organização Internacional do Café. Em 1973 viaja com a mulher, Lelia, até à Nigéria, para o seu primeiro trabalho em África. Nunca mais deixou de lá voltar. Teve a sorte de ser o primeiro fotógrafo profissional a acompanhar a entrada das tropas da Frel-

imo na então Lórenço Marques e esteve na independência de Angola em Novembro de 1975.

Hoje, olha para trás, para a história dos últimos anos do continente negro e desabafa: "Os africanos foram pilhados. Fomos lá e tirámos como se fosse nosso. Como foi o caso dos portugueses que tiraram escravos de África e levaram-nos para a América do Sul. Como também foi o caso dos EUA. As minas que foram lá criadas e as matérias-primas que foram retiradas." Isto não é uma denúncia, afirma Sebastião Salgado, é a constatação de uma realidade. "Os emigrantes que vêm para a Europa são os melhores, os que têm mais capacidade de trabalhar." E continua: "Em África, como na Europa, também há pessoas que trabalham ►



Foto Manuel Marques

**O LIVRO**  
Impressionante conjunto  
de fotografias de um dos maiores  
fotógrafos de sempre

os portugueses que tiraram os escravos de África e levaram-nos para a América do Sul"

► das seis da manhã até à noite, mas o salário delas não dá para mandar filhos para a escola e pagar a saúde. Eles recebem uma porção ínfima do que tinham direito. Enquanto o preço do café e do chá estiver tabelado em Londres, isso fica tudo nos intermediários, nas centrais de compras nos bancos." Fala quem sabe. Fala quem agora fotografa o que vê.

A companheira de sempre é a sua mulher, Lelia, com quem vive há 40 anos. Foi a responsável pela concepção e o design do livro. Lelia explicou à FOCUS como funciona o trabalho entre ambos: "Vejo as fotos primeiro do que ele." Os filmes chegam às suas mãos e é ela que os manda revelar. Depois diz a Sebastião Salgado se o trabalho está bom ou se há problemas com o filme. Com as primeiras provas na mão, são feitas pequenas cópias e o fotógrafo faz a primeira triagem. Há ainda uma terceira pessoa que trabalha com o casal e que participa na segunda escolha, onde tudo é resolvido de forma democrática, embora, obviamente, o artista que é dono da obra tenha sempre a última palavra nos casos mais discutíveis.

Para o livro agora lançado, Lelia Salgado fez a principal selecção e decidiu que a melhor forma de apresentar este trabalho seria dividir as imagens por áreas geográficas. As fotos têm pessoas, paisagens e animais. São ambientes rurais, uma vez que o próprio Sebastião Salgado se confessa como uma pessoa do interior rural, pouco dado às grandes cidades – embora viva em Paris, "a cidade por excelência", como diz Lelia.

Há imagens belas, há outras que chocam, caso do massacre de tutsis no Ruanda – o livro, com prefácio do escritor moçambicano Mia Couto, está dedicado a Joseph Munyankindi, representante no Ruanda da Organização Internacional do Café, morto com a família durante os massacres de 1994.

Não há fotografias de ricos e o brasileiro explica porquê: "Os ricos da África, você não os vê. Os ricos da África moram em Portugal", atira como provocação.

Todo o trabalho do fotógrafo é essencialmente "artesanal". A mulher garante que o marido não sabe sequer mexer num computador. Sebastião, ou "Tião" para os amigos, não



Sebastião Salgado/Amazonas Images

#### ESTRANHA BELEZA

As fotografias de Sebastião Salgado mostram a luta contra a adversidade

usa máquinas fotográficas digitais, porque não as há concebidas especificamente para trabalhar a arte do preto e branco. Não é a mesma coisa tirar fotografias em máquinas digitais e mudar o programa para o preto e branco. Também é importante a diferença entre o artístico do efeito natural do granulado do filme e as ampliações tiradas dos píxeis das máquinas digitais.

O grande problema, contudo, são os aeroportos. Os 500 rolos de filmes que normalmente traz consigo após meses a fotografar têm de passar pelo controlo sem ir aos raios X. "Estes estragam mesmo os filmes", garante Lelia. É preciso estar no aeroporto pelo menos duas horas antes do voo para convencer as autoridades a verificar, um a um, os cerca de 500 rolos.

"Além disso, os filmes hoje são muito pobres em prata e os reveladores estão a desaparecer. Papel de fotografia quase não há. Está a ficar muito complicado fazer fotografia desta forma e estou a sentir-me quase um dinossauro", afirma à FOCUS o fotógrafo.

Apesar das dificuldades técnicas que enfrenta no mundo cada vez mais rendido à arte da fotografia digital, o brasileiro conseguiu organizar a sua vida de forma a poder fazer o que quer e gosta: "Como sou conhecido, o que faço hoje não poderia ter feito há 30 anos", admite, para concluir com outra constatação que poucos poderiam dizer: "A minha fotografia é uma forma de vida que escolhi e existe uma correlação muito grande entre ambas."

Ao olhar para o resultado de um livro que demorou 30 anos a nascer, pensa-se no objectivo que as imagens podem ter. Sebastião Salgado não tem ilusões: "As minhas fotografias, só por elas, não podem mudar nada." Não podem mudar, sozinhas. Fazem parte daquilo que ele considera ser um fluxo. E dá a receita para que isso aconteça: "As minhas fotografias, com a informação dos jornalistas, com a cooperação das organizações e as pessoas de boa vontade, fazem parte de um fluxo." ■

FREDERICO DUARTE CARVALHO

*"Os ricos de África você não os vê. Os ricos de África moram em Portugal"*